

Apresentação

O volume cinco de GeoTextos é especial por várias razões. A revista comemora em 2009 cinco anos de existência, passando a ser semestral e com formato exclusivamente eletrônico. A passagem para o formato eletrônico buscou preservar as características visuais da revista em seu formato impresso, valorizando sua identidade e seu projeto gráfico originais. Já em 2008, com o lançamento do volume quatro, todas as edições da revista, de 2005 a 2008, foram disponibilizadas no Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas da Universidade Federal da Bahia (SEER-UFBA) no endereço www.geotextos.ufba.br.

Como editor responsável pela revista, foi uma experiência interessante gerenciar em Berlim, onde realizo estágio pós-doutoral desde março de 2009, no Instituto de Geografia da Humboldt-Universität, todo o processo de recebimento e avaliação de artigos para este número primeiro do volume cinco. A revista amadureceu seu processo de submissão e avaliação de artigos nesses anos de existência, consolidando uma linha editorial voltada para a divulgação de resultados de pesquisas concluídas na área de Geografia, abrindo-se para publicação de artigos de outros estados e países, buscando sempre a excelência do material publicado e o fortalecimento da Geografia enquanto ciência do Mundo.

Embora publicada na Bahia, na Salvador de todos os Orixás e todos os Santos, GeoTextos não se considera apenas como uma publicação de cunho regional, mas uma publicação aberta às coisas do Mundo, também interessada pelas coisas do Brasil, como, aliás, deve ser uma revista científica de divulgação do conhecimento geográfico. Somos do Mundo, mas também somos brasileiros e, sobretudo, baianos, e, é claro, não estamos fechados à publicação de trabalhos da Bahia, um estado rico em geografias de toda a sorte que também merecem respeito e divulgação. Nosso Conselho Editorial é composto por colegas de quinze diferentes universidades, muitos deles com larga experiência editorial na área de Geografia.

Com este primeiro número do volume quinto de GeoTextos esperamos consolidar esse caminho e a qualidade editorial que buscamos com o projeto da revista, desde seu lançamento em 2005. Neste número, abrindo

a seção “Artigos”, Gislene Santos se debruça em seu texto sobre o fenômeno migratório na contemporaneidade, a partir da análise das migrações do sul catarinense para os Estados Unidos da América. A autora defende uma abordagem transescalar e o uso da noção de redes sociais para aprofundar o entendimento deste fenômeno, já que “a interação entre o local e o global demanda uma análise empírica e teórica alicerçada na noção de que diferentes temporalidades, lugares e situações são coetâneos e configuram o espaço social da migração”.

Do sul de Santa Catarina partimos para duas cidades escocesas, Glasgow e Edinburgh, onde Julia Lossau buscou compreender qual o papel da arte no espaço público, analisando as práticas e os pontos de vista dos artistas engajados nesse tipo de produção, bem como as expectativas colocadas pelas políticas de desenvolvimento urbano em relação à arte pública. Para Lossau, as obras de arte no espaço público colocam em xeque as intencionalidades do planejamento urbano e a existência de uma sociedade e de um público homogêneos, já que o “verdadeiro” potencial deste tipo de produção artística está na explicitação da diferença, “onde se deve buscar de modo consciente toda a variedade implícita nos processos de apropriação e interpretação destas obras nos espaços públicos urbanos”.

Nos três artigos seguintes, o foco recai sobre cidades médias no Estado da Bahia, em diferentes contextos e sob diferentes enfoques. Marcos Sampaio Brandão busca acompanhar as transformações de Itaberaba, desde suas origens até elevar-se à categoria de cidade, a partir da aplicação de métodos e teorias da Geografia Histórica, investigando “a dinâmica de ocupação do sertão baiano através de sua produção espacial, na região do médio Paraguaçu, denominada Orobó, e a gênese de seu preenchimento social até o desmembramento em município de Nossa Senhora do Rosário do Orobó e posterior transformação em cidade, recebendo o topônimo de Itaberaba”. Wendel Henrique, por sua vez, quer entender como a instalação da Universidade Federal do Recôncavo, as ações do programa Monumenta e o turismo étnico vêm afetando o cotidiano de Cachoeira, para concluir que há um processo de reestruturação urbana em curso na cidade, buscando destacar “criticamente como estas transformações estão sendo processadas, principalmente sob a ótica da população local”. Já Karina Fernanda Travagim Viturino Neves quer lançar um olhar geográfico

sobre o patrimônio histórico de Ilhéus, a partir de um estudo de caso - o prédio Bataclan, antigo cabaré da “época de ouro do cacau” -, procurando destacar a importância do conceito de paisagem para a operacionalização de sua análise e defendendo uma ampliação da concepção de patrimônio, para abarcar “as mais variadas formas de manifestações culturais com o devido respeito à diversidade dos grupos humanos”.

Em seu artigo, Gicélia Mendes da Silva e Vera Lúcia Alves França vão analisar criticamente a exploração do petróleo e sua importância para a economia sergipana. A partir de um olhar focado sobre a região petrolífera de Sergipe, as autoras constataam as disparidades apresentadas pela comparação dos royalties per capita e os indicadores sociais dos municípios, que “apontam para a urgente necessidade de políticas sociais eficientes e que possibilitem aos municípios conter a pobreza e o baixo nível de desenvolvimento social”. O texto que se segue, de Catherine Prost, vai analisar a possibilidade de inserção dos saberes das populações tradicionais em um processo de gestão participativa na reserva extrativista da baía do Iguape. Segundo Prost, “a proposta das reservas extrativistas se insere em uma lógica na qual a sustentabilidade ambiental se conjuga com aprendizagem e consolidação da cidadania em várias dimensões: política, através do exercício do poder nas instâncias comunitárias e no Conselho Deliberativo; sócio-econômica, pelo manejo comunitário dos recursos naturais e outros projetos de geração de emprego e renda; cultural com a promoção e valorização de manifestações e práticas locais”.

A temática ambiental é também o tema tratado por Arlete Moysés Rodrigues em artigo de sua autoria, republicado na seção “Perspectivas”. Trata-se aqui de demonstrar a importância do espaço e da Geografia, compreendendo a complexidade do mundo atual, o que a própria autora considera não ser uma tarefa fácil. Para ela, “o deslocamento discursivo de ambiente para meio ambiente, de desenvolvimento para desenvolvimento sustentável, de matérias-primas e energia para ‘recursos naturais’, de força de trabalho para ‘recursos humanos’ oculta a existência das classes sociais e a importância do território, desloca conflitos de classes para um suposto conflito de gerações e os conflitos de apropriação dos territórios para a natureza, o ambiente, o bem comum da humanidade”.

Por fim, um agradecimento especial a todos os colegas que compõem a Comissão e o Conselho Editoriais de GeoTextos e que, ao longo destes anos, dedicaram parte de seu tempo à emissão de pareceres e avaliação de textos submetidos para publicação na revista, à Editora da Universidade Federal da Bahia, nossa parceira de primeira hora no projeto da publicação, na pessoa de Flávia Garcia Rosa, diretora dedicada e incansável da EDUFBA, e de Gabriela Nascimento, criadora do projeto gráfico da GeoTextos e seu (nosso) anjo da guarda nos momentos de diagramação e formatação (obrigado, Gabi!). E também a Rodrigo França Meireles, responsável pela migração da revista para o sistema SEER-UFBA e por sua formatação eletrônica.

Boa leitura!

Berlim, 27 de junho de 2009

Angelo Serpa
Editor Responsável